

ANNO 4

SABRADO 23 DE SETEMBRO DE 1871.

N. 193

# ODA FLUMIVENSE

Folha Ilustrada

ESCRITORIO  
RUA DO QVIDOR  
52 - esquadra - 52

Trimestre  
Semestre  
Anno

CORTE

55000  
100000  
200000

PROVINTIAS	
Semestre	112000
Anno	215000
Avalso	130000



VALLE

Um membro do conservatorio astro... nai... dramatico procurando  
ver se ha marchas nas dezenas novas estrelas de M. Arnaut.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 23 de Setembro de 1871.

Uma nova prorrogação ainda não basta para levar ao ponto de salvamento a questão da emancipação, a qual na hora em que escrevo ainda dá com bem dificuldade os primeiros passos da segunda discussão no Senado.

Eis dez artigos !

Este é que foi no meu entender o único erro do governo.

Era gravíssimo !

Numa questão, em que tinha antecipada certeza de ser forte e acintosamente guerreado, não devêra ter dado tanta margem às proclamações de todo o gênero.

Pelo contrário; devêra antes quempar as pestanas para reduzir o projecto a dous ou tres artigos.

Porém dez ?!

Dez artigos em nove dos quais, tem cada membro do Senado o direito de falar duas vezes, isto é: o direito de fazer dezoito discursos,... desses que estão agora em moda, e que durão tres, quatro e cinco horas, é demais !

Supondo que o batalhão do Sr. Visconde de Itaborá conte apenas seis praças em serviço activo (o que é pouco), teremos *cento e oito* estradíssimos exercícios, mais ou menos ortotópicos, por parte da oposição.

Dando que o Governo e seus amigos respondem à metade, apenas, desses exercícios, teremos *cincoenta e quatro* discursos a favor do projecto ministerial; os quais, reunidos, aos preceitados cento e oito contra, prelazeem a bagatela da *cento e sessenta e duas* aragens !!!

Ora, admitindo que se possam pronunciar tres por dia (o que é de todo ponto impossível nas braves horas em que funciona a Camara Vitalícia) vemos que serão precisos *cincoenta e quatro* dias ulcres e de neurado labôr, isto é: mais 2 meses de prorrogação, para fazer passar em segunda discussão o projecto !!!

E a terceira discussão ?

E os dias em que não houver *quorum* por causa do mero tempo ?

A continuarem as causas no mesmo pé não restará, por certo, ao Governo outro recurso, senão appellar para a proxima sessão.

E triste dizê-lo; mas é a verdade.

O que mais dói é que, depois dos luminosos discursos dos senhores Salles Torres Homem, S. Vicente, Zacharias e Silveira da Motta, não se adiantam uma idéia sequer. Repisou-se, tão sómente o que estava dito e mais que dito.

E o governo e seus defensores tiverão de responder mais uma vez ao que já tantas havido respondido na outra Camara !

E os dias a passarem, a passarem !

\* \* \*

Os honradíssimos da Temporaria estão dando excelente cópia de si !

Dir-se-hia que não são Deputados senão para tratar da questão da emancipação, por quanto, aprovado o projecto, nunca mais se reunirão em numero legal para haver sessão.

Nem um só dia, para salvarem as apparencias ao menos ! Qual! Debandarão-se logo como um bando de periquitos, no primeiro tiro.

Entretanto ali ficarão sem solução alguns outros assuntos de muita importância, a reforma da instrução, por exemplo, que, tendo sido iniciada na ultima sessão, não voltou ao tapete este anno.

Porque ?

Compreendida-as quem puder; eu não posso, com franqueza o confessar.

Estalou a guerra entre duas grandes potencias, entre a Camara Municipal do Municipio Neutro, e a Companhia das Docas do D. Pedro II, representada por tres magnatas: o Sr. Conde da Estrela, o Sr. Veador Lima e Silva Sobrinho e o Sr. Dr. José Machado Coelho.

A primeira escaramuça constou de um embargo, feito pela primeira, no dia da solenidade inaugural das ditas docas, perante SS. AA. à Senhora Princesa Regente do Imperio e S-su Augusto Esposo o Sr. Conde d'Eu.

*Rien que ça !*

A segunda deu em resultado a prisão de quatro pobres operários por estarem trabalhando nas obras embargadas.

Como se vê começou a causa em um dyapasão muito alto.

A aria de *sortita* (isto é: o embargo em presença das Augustas Personagens) essa só um soprano *sfragatissimo, di primo cartello*, pôde cantal-a.

Por ella se avalia desde já o que serão as variações e os *tutti*, quando entrarem em jogo as grandes massas de vozes e a musica de pancadaria !

Hade sor lindo !... (para não dizer extremamente escandaloso).

Mas o que é verdade, é verdade superior a toda contestação, é que a razão está da parte da Camara Municipal.

Ao menos é o que parece, pelo que se tem fallado e escrito até hoje.

Não quer isto, porém, dizer que a referida Camara consiga alancar victoria. Não !

Pode muito bem acontecer que para ella também rebrente a corda pelo mais fraco.

Pode muito bem acontecer que as ducas entoem o hymno triumphal.

*Crelo, quia absurdum !* E preciso não esquecer que estamos no Brasil.

\* \* \*

Pelos modos vao tambem haver discussão calorosa entre o engenheiro das mesmas ducas (o Dr. André Rebouças) e os futuros engenheiros da Metropolitana (companhia que ainda não saiu do ovo, e que se propõe levar locomotivas e wagons por cima dos te-lhos no centro da cidade) !

Venha d'isso! Venha d'isso!

Em quanto não podem esmagar os miserios transeuntes urbanos, vão esmagando os tipos da imprensa com seus artigos diários.

Continua a romaria à Academia das Belas Artes, onde centos de pessoas vão quotidianamente admirar o bellissimo quadro do Dr. Pedro Américo, a *Batalha do Campo Grande*.

Breve começará outra para o Morro da Santo Antônio, onde Victor Meirelles de Lima dá a ultima de mão ao seu grandioso painel representando a *Batalha de Riachuelo*.

Querem uns que este trabalho seja mais perfeito do que o do Pedro Américo; outros, porém, opinião em sentido contrario.

Mau, pessimo sistema esse que temos de querer sempre comparar para deprimir um autor em proveito do outro!

Na esplanada do Pantheon cabem muitos, cabem todos os que tem verdadeiro merecimento. Entretanto há entre nós a infeliz mania de supor que é ella tão estreita, que não dá entrada conjuntamente a muitos talentos superiores, e por isso quando se apresentam, procuramos constantemente puchar um pelas pernas para deixar franco o ingresso ao outro!

Ao meu ver ambos os trabalhos honram ambos os artistas.

N'um e n'outro se revelam duas imaginações ardentas. N'um e n'outro se revelam dois pintores de prima-mão ordem.

Vêda a *Batalha do Campo Grande*. Quanto movimento ha em todas aquellas figuras, magistralmente desenhadas e coloridas com tanto calor! Que verdade em todas as expressões physionómicas!

Aqui a agonia da morte, ali o terror do soldado que se vê lançado por terra, acolá a calma do chefe afectuoso aos vae-vens da luta, além o fatalismo paraguayo que não recua um passo, mas longe a galhardia do brasileiro que avança sempre.

E tudo aquillo parece que fala, que se move, que briga deveras!

A *Batalha de Riachuelo* é como que vista de mais longe.

As figuras são menores, e nem podião deixar de sôl-porque a ação desenvolvilha na tela, ocupa área maior. Porem tem o mesmo movimento, a mesma verdade, o mesmo vigor que o quadro de Pedro Américo.

A unica diferença que noto entre os dous trabalhos consiste em possuir um muitos accessórios e o outro quasi nenhum.

Na *Batalha do Campo Grande* as figuras dos primeiros e segundos planos se achão por tal sorte entrelaçadas (e nem podia deixar de ser assim, sendo o assumpto tratado tão de perio) que ocupam por bem dizer toda a tela, deixando apenas a descoberto o céu ensinado.

Na *Batalha de Riachuelo* descontínuo-se parte do rio, parte da barranca, algumas baterias paraguayas, o horizonte, o céu e uma infinitad de pequenas coisas, que dão muito realce ao painel.

Em ultima analyse: deixemos-nos de apaixonadas discussões na imprensa; deixemos-nos de abaiar um dos dous inspirados artistas para elevar o outro.

Hendamos pelo contrario, graças á Providencia por possuir os ambos, porque são duas glórias nacionaes.

A. de G.

### Theatros, Concertos e Quadros

Seguindo caminho muito diverso do trilhado até hoje pelas celebridades que o precederam, Thomaz Salviny apresentou-se a 19 do corrente perante o público fluminense.

Antes da sua estréa pouco ou nada haviam dito as folhas diárias acerca do grande artista; não andara o seu nome mezes antes pelos cantos das ruas em lettras garrafas; não se falara na pessoal artística da sua companhia, nem uma palavra se dissera do repertorio da sua prodigieção. O publico em geral sabia que Salviny era um artista de nomeada, mas não tonava por elle esse interesse, que os *puffs* costumam aguçar quando prodigializados a esmo no centro de qualquer popularização.

Conscio da propria valia, e coberto dos louros que o mundo não recusa aos eleitos de Deus, Salviny apresentou-se, pois, modestamente entre nós sem alardear dos passados triunfos, nem pôr ao sotâneiro os diplomas que a Itália, a França, Portugal e outros países lhe tem por vezes conferido.

Para estréa escolheu o moralissimo drama a que Giacometti pôz o título de *Morte Civil*, e por tal sorte soube impressionar o auditório durante o curso da representação, que, no baixar do panno, contava um admirador enthusiasta, um unigão dedicado em cada individuo que assistira ás scenas maravilhosas, desenvolvidas, uma após outra, no palco do teatro de S. Pedro no noite de terça-feira passada.

Eu não tentarei descrever aqui o que se passou ao terminar do espectáculo, ou após a morte mais real e sublime, a que possa assistir-se em teatro.

Frenesi, delírio, enthusiasm., — parecem-me palavras docas de significação tratando-se do modo porque Salviny foi acolhido na sua estréa.

Quanto a mim permitir-me-á o leitor, — e absolv-me o grande tragico se com isto von ferir a sua modestia — que, para exprimir o que sinto, eu ponha aqui os seguintes pontos de admiração, cujo numero me pareço assaz limitado tratando-se de um dos maiores vultos dramáticos do nosso tempo.

Por entre os artistas da companhia dramatica italiana, que rodô Salviny, vêem-se alguns dignos de menção e louvor.

A Sra. Piomanti, e a ingenua Ajudi estão n'esse caso. Infelizes justissimas, gesto na altura da frase, interpretação fiel dos caracteres representados, collocam-nas a par das boas actrices que tem pizado a nossa scena.

Os Srs. Uduà e Piccinini são actores proyectos, e o

*Album da "Vida Fluminense."*





*Entre les deux... mon cœur balance*

segundo, especialmente, pode ser classificado entre os mestres da arte não só pelo mundo porque sa caracteriza, como pela pureza da sua ideia e similitude do seu gosto, num e outra perfeitamente d'acordo com o tipo repugnante do sacerdote hyprocrite.

Eduardo De-Martino, o pintor de episódios marítimos, cujo talento todos nós temos visto ocasião de admirar por mais de uma vez, acaba de expôr no armazém do Sr. Moncada, oito primeiras telas, representando:

- a 1<sup>a</sup>.— Esquadra inglesa depois do exercício de fogo.
- a 2<sup>a</sup>.— O navio inglês *Bombay* no porto do Rio do Janeiro.
- a 3<sup>a</sup>.— Esquadra inglesa, bordando perto de Stromboli.
- a 4<sup>a</sup>.— O navio *Bombay* incendiado, no Rio da Prata.
- a 5<sup>a</sup>.— A partida.
- a 6<sup>a</sup>.— A chegada.
- a 7<sup>a</sup>.— Em Montevideó. Efeitos da lua em noite de pampero.
- a 8<sup>a</sup>.— Canhões arrancando os seus—Luziadas ao furor das ondas.

Vê-se, pela simples nomenclatura dos quadros, de quanta variedade de gênero é capaz o pincel de De-Martino.

A julgar pelo seu caráter entusiástico, animação da gosto, e passimosa verbozidade, julguei até hoje que Eduardo De-Martino fosse tão somente capaz de pintar fráches, bortascas ou batalhas navaes. Engano-me redondamente.

O quadro, representando a *esquadra inglesa depois do exercício de fogo*, onde os efeitos de luz admiráveis, onde o sol da tarde vem projectar-se sobre o costado dos navios, iluminando uns, deixando na sombra as velas de outros, e mostrando em toda a sua grandeza a placidez das águas e os efeitos da calma, reúne talento serio, estudo assíduo, reflexão aturada e outras qualidades que deveriam ser propriedade exclusiva dos caracteres siziudos, mas que, à imitação de De-Martino, também se encontra nos animos jovices.

Em relação ao quadro de Canhões, só tenho duas palavras a dizer ao leitor: vale bem apena ganhar dez minutos admirando aquelle verdadeiro primor, de concepção inspirada.

Dos quadros de De Martino passo ao ultimo sárdão da Philharmonica Fluminense, classificando-o entre os melhores a que tenho assistido nos salões d'aquella sociedade.

Não foi só, tolvez, a escolha das peças, que contribuiu para a classificação que eu e outros muitos lhe deram.

A execução correspondeu à expectativa geral, o que foi provado pelo grande entusiasmo dos espectadores, prodígios de aplausos ao terminar de cada trâcho componente do programa.

Em relação ao sexo forte, desta vez representado por alguns artistas da reputação feita, compre-me registrar o éxito obtido pelo sympathico Forranti nos tres davtos bulbos que se prestou a cantar, a nitidez com que o Sr. Reichert executou na flauta uma fantasia de sua predilecção, o optimo partido que, no dueto do Nahuel, soube o Sr. Vieira tirar do seu adextado orgão barytonal.

Tratando do sexo fraco, ou hello, como quizerem, permitir-me que eu cale nomes, sem me furar com tanto deseo de felicitar, bem sinceramente, o Sr. Achilles Arnould pelos progressos sempre crescentes das suas discípulas que, tanto as de piano como as de canto, souberam manter a reputação do distinto professor na altura a que, de ha muito, chegou entre nós.

Continuam a estar na moda as noites... equestres do Sr. Chiarini.

Além de outras novidades exhibidas durante a semana, tornou-se eredor da admiração geral o novo trabalho de Theodoro Cuba que sobre seis cavalos em pélo faz o que eu não seria capaz de fazer sobre um só, embora sellado.

Se, por um lado, ha nos *Martyres* de Donizetti trechos de indescritível belleza, não é possível, pelo outro, conceder-lhe a igualdade de inspiração que se encontra na *Lucia*, na *Favorita*, ou n'outras produções do mesmo mestre.

Lançar mão d'esse *sparlito*, tendo, além do que acima vai dito, a lutar com as reminiscencias de Tambrugh e de outros artistas, cuja impressão, embora longíqua, ainda se acha na memoria de todos, não me parece causa de que a actual empreza lyrica possede tirar muito proveito.

Effectivamente não foi a tentativa cordada pelos melhores resultados... pecuniários; e se, em relação ao desempenho da ópera, não ha elogios que bastem para o modo conscientioso e verdadeiramente artístico por que a Sra. Posi canta os trechos de que se encarregou, força é confessar que os outros cantores, embora cheios de zelo e boa vontade, não conseguiram pôr-se no nível da gentil prima-donna, cujo talento se annula facilmente a todos os gêneros de musica, sem que, por sua parte, um só *sparlito* tenha até hoje sofrido revz entre nós.

Está anunciada para esta noite a estréa da Sra. Siebs.

Da estréante — que segundo a opinião da imprensa argentina é uma das melhores cantoras que tem pisado os teatros das duas repúblicas — sei apenas que foi tres annos discípula do celebre Lamberg, mestre que só aceitava discípulas, quando o talento real e a vocação decidida lhes apresentavam pela mão.

O método de canto da Sra. Siebs deve pois ser dos mais correctos e aperados, e se a voz conservar toda a sua frescura e vigor, não me parece duvidoso o triunfo da nova *prima-donna*.

A DE A.

## A noite das antigualhas.

(MEMORIAS DO SÉCULO PASSADO)

O meu amigo Campos tem sessenta e sete annos e nem um dente. É alto, usa chinó, come por sobre-meza apenas figos de comadre, e bebe d'um velho Porto, que, segundo a sua phrase pitoresca, foi engarrado por Adão e Eva nas horas vagas do Paraíso.

Campos teve negocio de armariño em boa época. Adquirio sofríveis erizados e comprou uns caixinhas terrenas em S. Christovão, onde mora, ha perto de vinte annos.

O meu amigo é homem de larga experiência e de calças largas. No dia em que a moda fez circular nos ouzos mundanos o feito do balão para a calça e para a saia, Campos, deu um pulo do contente e juro aos seus penates ser fiel adepto da nova religião até à plena consummatione : diz « Consumação dos séculos ».

Campos nunca se casou. Era um severo observador das doutrinas de Balzac, e como não sabia francês, pediu a um amigo que lhe traduzisse as mais picantes partes da *Physiología do Casamento*, que desde essa occasião, serviu-lhe de Evangelho econômico e espiritual.

Imaginem que tal era o meu amigo Campos. Era um verdadeiro tipo, digno de figurar na galeria dos *Grotescos* ou nas fileiras extravagantes dos encyclopedistas do século XVIII. Se Dephinot não houvesse escrito as *Joias indiscretas*, o meu amigo Campos as escreveria com todo o sentimento e penetração analyticas.

Conheci-o n'uma noite de partida ou de baile modesto, como queriam. Commemorava-se o aniversario natalicio d'um sujeito que tinha um dente mais velho do que o Campos e era menos velho dous, — isto é : dous annos menos velho.

O meu amigo prosseguiu conmigo durante a noite inteira. Na vés d'uma janelinha que abria sobre o jardim, passavam-nos em revista os personagens bailantes, que cruzavam na proxima sala do baile.

Campos dizia-me :

— Veja como é ridículo um divertimento d'estes ! Dança-se aqui por obrigação ; dança-se por dever, como nas partidas officiais se comprimenta um ministro inglês que é um astrolina, e um ministro americano, que nos mette as botas, dia e noite. Olha aquello sujeito de suissas e luneta no olho direito. Como sorri à dama ! Não admira ! Talvez cuide que se dirige à dama de ouros !

— Que !

— É um jogador infame. Tem posto a fortuna do paiz pela rua da amargura ; uma fortuna acumulada viuent por vintem, à custa das mais pesadas sacrificações ! Estou a apostar em como a família da moça com quem elle dança não o recebe em casa por indigno !

— Será possível ?

— É possíbilissimo. O senhor é muito criança ainda. Que idade tem o senhor ?

— Vinte e cinco annos !

— Está nascendo agora, meu amigo. Creia que o baile, a partida, a *sorrel* etc., etc., são laços perfidos estendidos no caminho da ignorância e da inocencia. Uma menina que se horrorisaria de apartar a mão a um sujeito, entrega-selha desde os pés até à cintura quando toca-se uma walsa ou uma polka qualquer ! O baile, meu amigo, é um insulto em si sustentado ou em semi-coleadas ! Com que facilidade o homem circunspecto, para quem a família é cosa sagrada e pura, esquece os sentimentos e calla os preconceitos atravessando os salões illuminados d'uma noite de festa !

— E o senhor não dança ?

— Absolutamente nada ; preferir ser tolo sem acompanhamento de orchestra. A existencia já é uma drácula constante e estúpida : os *rêts-a-vis* que varam : ás vezes aparecem-nos a desgraça, ás vezes. Ora, deixemo-nos de toleinhas ! Vá walsar *la la la la la* ! Isto é bonito. Se eu fosse bailarino ~~de~~ perdia esta occasião !

— O Sr. Campos não tem família.

— Tenho.

— Ah !

— Três gatos e dous cães da raça dos ratos brancos. Não dançam !

— Como ?

— Não dançam. Ainda não penetraram os umbrais da sociedade *a-le-gon-to*.

— O senhor é d'umas theorias !

— Perversas. Acredito. Olhe, diga-me uma couza :

— Frequento os theatros da corte ?

— O S. Luiz, o Gymnasio, o Pedro II, o Lyrico...

— Faz mal : frequente unicamente o Germano....

— O Germano ?

— Sim, o theatro de S. Pedro d'Aleamtara. Aquillo é um estudo.

— O senhor gosta de numismatica ?

— Assim ; assim. Possuo tres moedas chinesas e duas da Hollanda, antes da invasão de Pernambuco.

— O Germano é melhor do que tudo isso !

— Não gracejo !

— Não gracejo, não. Em vez de compulser a historia dos povos e as suas modas, compulsa o theatro S. Pedro, que foi quinamilhão já em tres tempos, como walse inglesa, e ainda dá espectaculos. Vamos juntos ao S. Pedro, uma d'estas noites ?

Olhei vivamente para o homem. Guijoi que me estivesse desfrutando. Campos recebou a desliza curiosa do meu olhar com uma impavidez de sphinge.

— Vamos ao theatro S. Pedro ?

Respondi-lhe :

— Vamos.

D. BARTHOLO.

*(Continua).*

A VIDA FLUMINENSE



O autor do quadro da batalha do Campo Grande:  
Ha quadros que valem batalhas.